

FONTE : OESPCLASS. : FX 193DATA : 29 06 91PG. : 12

Médicos trabalham com pajés no Xingu

Na próxima semana, uma equipe de médicos da Escola Paulista de Medicina (EPM) estará examinando os índios do Xingu junto com os pajés locais, sem que haja constrangimento de nenhuma das partes. "Nós curamos uma parte das doenças e o pajé cura outra", observa o criador do projeto, médico Roberto Baruzzi. Isso ocorre há 26 anos, quando a faculdade começou a examinar os 3.200 índios das 17 tribos da região. Agora, a EPM recebeu uma verba de US\$ 20 mil da Fundação Mata Virgem para o seu trabalho no parque.

É comum o índio procurar tanto o médico como o pajé quando está doente. Numa de suas viagens ao Xingu, o médico Renato Spindel examinou uma mulher que não respondia ao chamado das pessoas, mas apresentava condições normais de saúde. "É o que clinicamente se chama histeria", disse. Spindel retirou-se e deixou que o pajé examinasse a moça. Minutos depois, ela corria pela mata como se não tivesse nada.

Acompanhar um parto é responsabilidade das mulheres mais velhas e o máximo que o médico faz é ouvir o coração da criança. Mesmo porque, eles já tiveram muitas surpresas. Segundo Baruzzi, houve ocasiões em que os médicos examinaram as índias várias vezes, antes de concluir que o parto demoraria de três a quatro dias. "Depois de algumas horas, a criança começava a nascer", lembra, explicando que os costumes locais facilitam o parto.

Os fichários dos médicos trazem fotos de seus pacientes índios ao longo dos anos, bem como os nomes — quando crianças, os nomes são diferentes daquele que adquirem na vida adulta. Quatro vezes por ano, a equipe da EPM abandona o tradicional avental branco e adota confortáveis shorts para ir ao Xingu e,



Médico e pajé: ajuda mútua

entre outras coisas, vacinar a população contra sarampo, paralisia infantil, tuberculose, difteria, coqueluche e, às vezes, tétano.

A pesquisa sobre a saúde dos índios já foi divulgada em publicações como o *British Journal of Medicine* ou o *Tropical and Geographical Medicine*. Num dos trabalhos, por exemplo, concluiu-se que os índios não registram um aumento de pressão arterial ao longo dos anos, como ocorre com os brancos. Esta pesquisa fez parte de um estudo da Intersalt, cooperativa internacional que investiga a hipertensão. "Estudamos a incidência de doenças que surgem do contato com o branco", diz Baruzzi.

Ao contrário do que ocorre com os índios norte-americanos, por exemplo, os brasileiros não apresentam alto índice de açúcar no sangue. Como eles têm experimentado mais alimentos com açúcar, os médicos acompanham as mudanças que esses novos hábitos podem trazer à sua saúde.